



MICROTERRITÓRIOS SIMBÓLICOS NO ESPAÇO URBANO DE CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Ana Paula Correia de Araujo ¹
Milka Andressa de Brito Martins ²
Edson Pereira de Souza ³

RESUMO

Microterritórios são espaços de apropriação simbólica construídos por relações de poder na escala local. Este trabalho tem por objetivo analisar os microterritórios construídos por identidade no espaço urbano de Campo Grande (MS). A metodologia é de natureza primária com observação de campo e entrevistas qualitativas junto aos atores sociais. Os resultados indicam que espaços sociais são territorializados por identidade e pertencimento. Identidades hegemônicas, que traduzem a cultura dominante, e não-hegemônicas, como culturas de resistência, se entrelaçam. A identidade regional e fronteiriça é valorizada, assim como, as identidades consideradas subordinadas, produzidas no espaço vivido. Na distribuição espacial dos eventos culturais da cidade, observa-se uma distinção sutil entre aqueles que ocorrem nas áreas periféricas e os vividos nas áreas centrais.

Palavras-chave: Cultura, Microterritório, Identidade territorial, Espaço urbano, Campo Grande.

RESUMEN

Los microterritorios son espacios de apropiación simbólica construidos por relaciones de poder a escala local. Este trabajo tiene como objetivo analizar los microterritorios construidos por identidad en el espacio urbano de Campo Grande (MS). La metodología del trabajo es de carácter primario con observación de campo y entrevistas cualitativas a los grupos sociales que territorializan el espacio y producen los microterritorios urbanos. Los resultados indican que los espacios sociales se territorializan por identidad y pertenencia. Se entrelazan identidades hegemónicas, que traducen la cultura dominante, e identidades no hegemónicas, con culturas de resistencia. Se valora la identidad regional y fronteriza, así como las identidades consideradas subordinadas, producidas en el espacio vivido. En la distribución espacial de los eventos culturales en la ciudad, existe una sutil distinción entre los que tienen lugar en las zonas periféricas y los que tienen lugar en las zonas centrales.

Palabras clave: Cultura, Microterritorio, Identidad territorial, Espacio urbano, Campo Grande.

INTRODUÇÃO

¹ Geógrafa. Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, ana.araujo@ufms.br;

² Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, milkamartins2@gmail.com;

³ Pós-Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campus de Aquidauana, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, edson.souza1984@gmail.com.

Este artigo analisou a construção de microterritórios no espaço urbano de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil (figura 1), construídos por apropriação simbólica de espaços públicos.

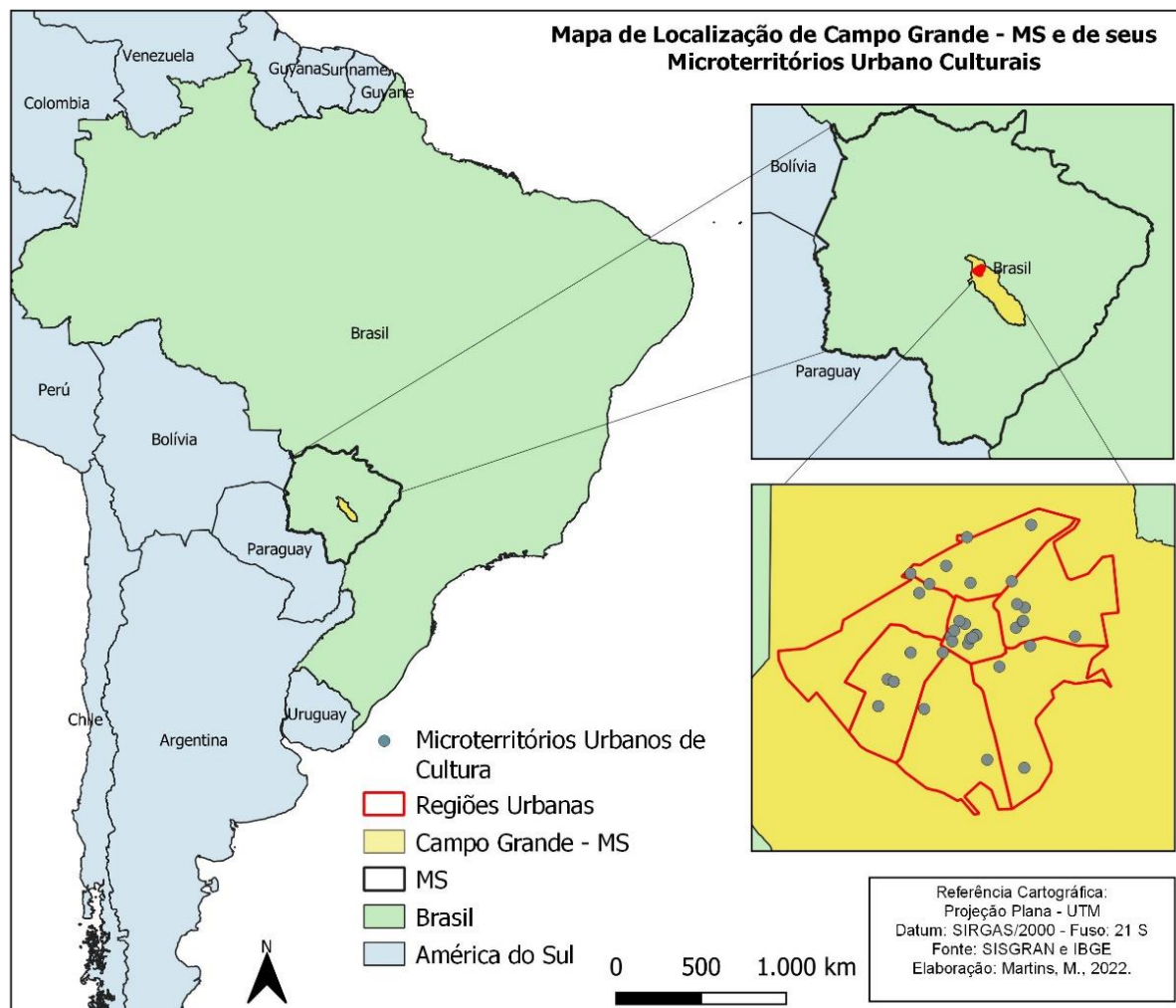


Figura 1 - Localização e distribuição espacial dos microterritórios no espaço urbano de Campo Grande (MS). Fonte: trabalho de campo, 2022. Elaborado por Milka Martins, 2022.

Microterritórios são espaços de poder simbólico, construídos por identidade cultural dos grupos sociais, na escala local. Em geral são móveis e cíclicos e apresentam estruturas fluidas de poder. Identidade implica relação de semelhança e sentimento de pertencimento. Arelada ao espaço, define identidade territorial, marcada por territorialidades distintas que se apropriando simbolicamente de porções do espaço vivido.



Conforme Cruz (2007, p. 97), os processos de identificação e os vínculos de pertencimento se constituem tanto pelas tradições (raízes, heranças, passado, memória etc) como pelas traduções (estratégias para o futuro, “rotas”, “rumos” projetos etc). As identidades nunca são completamente determinadas, unificadas, fixadas, elas são multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos.

Para Hall (2004, p. 12), a identidade dos sujeitos na pós-modernidade sempre está em constante transformação, tornando-se, segundo o autor, “uma “celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Desse modo as práticas e discursos identitários dos grupos e indivíduos sociais estão em contínua transformação.

Isto posto, este trabalho identificou no espaço urbano de Campo Grande (MS) a construção de microterritórios definidos por relações de poder simbólico, com a identidade cultural sendo o elemento central de constituição territorial. Feiras culturais, saraus, espaços de intervenção artísticas, territórios cíclicos que fomentam e transformam a vida na cidade. E ao mesmo tempo, consolidam vínculos, pertencimento territorial de uma identidade produzida pelo hibridismo.

Diante disso, problematizou-se esta pesquisa em: existem e quais são os microterritórios nas áreas urbanas de Campo Grande-MS? Para elucidar a problematização, definiu-se o objetivo geral desta pesquisa em analisar a produção dos microterritórios culturais no espaço urbano de Campo Grande (MS).

Do espaço nasce o território. Raffestin (1993, p. 144) afirma que “o espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si”. Segundo Raffestin (1993) o território se forma a partir do espaço geográfico, como resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer escala. Territórios são, portanto, espaços definidos por relações de poder (SOUZA, 1995; HAESBAERT, 1999).

A territorialidade passa a ser concebida de maneira mais abrangente e crítica e o território produzido como um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders) (RAFFESTIN, 1993, SOUZA, 1995, P. 86; SANTOS, 1996; MORAES, 1990; HAESBAERT, 1999).



Os processos de territorialização, entendida como relações de domínio ou apropriação do espaço, que produzem os territórios, concretos e/ou simbólicos (Haesbaert, 2004) tornaram-se mais complexos e diversificados. Territorializações das mais fechadas e tradicionais até as mais flexíveis e globais se articulam e permitem a fluidez dos indivíduos e grupos sociais pelos territórios.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma metodologia de caráter qualitativo, fundamentada em levantamento documental, registros fotográficos e entrevistas abertas realizadas em territórios culturais expressivos da cidade, a saber: Feira da Bolívia, Feira do Bosque da Paz, Confraria Socioartista, Campão Cultural, Sarau de Segunda, Feira da Praça do Peixe e Sarau do Parque. Esses espaços, compreendidos como microterritórios culturais de natureza cíclica e móvel e, no caso do Campão Cultural, também estruturado em rede, configuram-se como territórios microterritorializados por agregados ou grupos sociais (COSTA, 2017), identificados por laços de pertencimento cultural.

Os territórios culturais, constituídos na escala local, expressam uma forma-conteúdo que reflete e condiciona as identidades culturais de diferentes grupos sociais. Nessa perspectiva, o estudo direcionou-se à compreensão dos territórios produzidos pela cultura no espaço urbano de Campo Grande (MS). A abordagem qualitativa foi operacionalizada por meio dos seguintes procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa:

- **Pesquisa e Revisão Bibliográfica**, contemplando temas como espaço urbano, geografia, microterritórios, relações de poder, território e territorialidade;
- **Trabalho de Laboratório**, voltado ao mapeamento do uso e da ocupação do solo na área urbana investigada;
- **Treinamento para a Técnica de Observação**, com a utilização de caderneta de campo e aparelho celular como instrumentos de registro (Queiroz, 1991);
- **Planejamento do Trabalho de Campo**, no qual se elaborou uma pauta de observação e registro, assegurando clareza e consistência na interlocução;
- **Trabalho de Campo**, que consistiu na observação sistemática da realidade, com registros diretos em caderneta de campo, pesquisa documental, produção de registros fotográficos digitais, bem como visitas e participação nas feiras urbanas da cidade de Campo Grande (MS).



A produção dos dados ocorreu em três frentes: a) coleta de dados secundários; b) coleta de relatos orais; c) realização de entrevistas semiestruturadas.

Isso possibilitou a obtenção de informações sobre práticas sociais e espaciais cotidianas, sobretudo no que concerne às relações entre os indivíduos (ou grupos) e suas vinculações com o lugar (SOUZA, 2021). Na etapa de sistematização, os relatos orais foram transcritos conforme as orientações de Chizzotti (2008, p. 101), buscando-se compreender “os acontecimentos que foram significativos e constituídos pela e na experiência de vida”.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Geografia constitui-se como uma ciência de natureza política (BECKER, 1995), orientada para a compreensão da produção do espaço. Este é concebido como uma unidade indissociável de forma e conteúdo, uma vez que não há conteúdo sem forma, tampouco forma desprovida de conteúdo (SANTOS, 1996; LEFÈBVRE, 1991).

Santos (1996, p. 51) define o espaço geográfico como “o conjunto indissociável de sistemas de objetos (formas) e sistemas de ações (conteúdo)”. O sistema de objetos, segundo o autor, é constituído tanto pelos elementos naturais presentes em determinada área quanto pelas modificações introduzidas pela ação humana. No entanto, os objetos espaciais, quando considerados isoladamente, não configuram o espaço em sua totalidade, pois representam apenas a materialidade. O espaço, portanto, é o resultado da articulação entre a materialidade e a vida que a dinamiza, sendo as ações responsáveis por conferir vitalidade e profundidade às formas (SANTOS, 1996).

Nessa perspectiva, o espaço deve ser entendido como uma construção relacional, na qual o sistema de ações produz e transforma o sistema de objetos, que, por sua vez, condiciona e reflete as próprias ações.

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre os objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 1996, p. 52).



Do espaço nasce o território. Raffestin (1993, p. 144) afirma que “o espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si”. Segundo Raffestin (1993) o território se forma a partir do espaço geográfico, como resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer escala. Pressupõe um espaço onde se projetou um trabalho e no qual revela relações marcadas pelo poder. A Geografia concebe o território como espaços construídos por e a partir de relações sociais de poder (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 1995; HAESBAERT, 1999).

Desde a institucionalização da Geografia como ciência, no final do século XIX, o conceito é central. Ratzel foi o primeiro a pensá-lo, preocupado com o controle do território pelo Estado. Ratzel entendia que não era possível conceber o Estado sem o seu território e suas fronteiras. O território em Ratzel está ligado intrinsecamente a posse. É a posse que dá unidade ao território, evidencia a relação do conceito de território com a noção de poder (MORAES, 1990, p. 80).

Embora não aparecendo de forma explícita como na obra de Ratzel, o geógrafo Elisée Reclus também se debruçou sobre o território. Sua preocupação voltava-se para a compreensão das relações estabelecidas entre as classes sociais em um espaço sob ocupação e domínio do Estado.

Na Geografia Clássica, de Ratzel e Reclus, o conceito de território esteve atrelado ao poder do Estado e a escala nacional. A partir da renovação da Geografia, em meados do século XX, a ciência amplia sua percepção e torna o conceito mais complexo. As escalas passam a incorporar do local ao global, com a multiplicidade de relações de poder que envolvem não só os Estados Nacionais como grupos locais capazes de estabelecer processos de territorialização e assim territorializar espaços na escala local.

A territorialidade passa a ser concebida de maneira mais abrangente e crítica e o território produzido como um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders) (RAFFESTIN, 1993, SOUZA, 1995, p. 86; SANTOS, 1996; MORAES, 1990; HAESBAERT, 1999).



Os espaços são territorializados pelo Estado e por diferentes grupos sociais, internos a um determinado Estado Nacional ou externos, produzindo na organização do espaço, sobreposições e hierarquias territoriais. Porém, os territórios continuam apresentando limites com regras que definem o “nós” e os “outros” (RAFFESTIN, 1993). Os limites territoriais, entretanto, não precisam ser, necessariamente rígidos. São aqui entendidos como barreiras, literais ou abstratas, que indicam o controle e a diferenciação. Conforme Gottmann (2012), território é um conceito gerado por indivíduos organizando o espaço segundo seus próprios objetivos.

É necessário definir território como uma porção do espaço geográfico, ou seja, espaço concreto e acessível às atividades humanas. Como tal, o espaço geográfico é contínuo, porém repartido, limitado, ainda que em expansão, diversificado e organizado. O território é fruto de repartição e de organização. Tal como todas as unidades do espaço geográfico, ele deve ser, em teoria, limitado, embora seu formato possa ser modificado por expansão, encolhimento ou subdivisão. Basicamente, ele deve ser acessível; a acessibilidade, pretendida pelo homem e amplamente controlada por ele, é umas das razões essenciais para a intervenção política regular, de algumas formas restringir e de outras melhorar a capacidade de acesso por várias categorias de pessoas (GOTTMANN, 2012, p. 525. Apud DIAS, 2021, p. 58).

Para Le Bourlegat (2000) os territórios são espaços de poder e controle de um grupo sobre outros e sobre o meio circundante. Conforme Andrade (2004):

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas (ANDRADE, 2004, p.19).

Souza (1995, p. 78) entende o território como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Para esse autor, os territórios existem e são construídos por diferentes atores sociais, econômicos e políticos, em diferentes escalas geográficas e temporais. Podem ser cíclicos e móveis. Os territórios cíclicos são construídos e dissolvidos em períodos de tempo determinados. Os territórios móveis, contínuos e em rede, se deslocam sobre a superfície, muito comum na geografia ilegal.

Para Souza (1995), os territórios são, sobretudo, relações sociais projetadas no espaço, não necessitando, pois, um enraizamento profundo da sociedade em espaços concretos. O autor ainda destaca que os territórios podem formar-se e dissolver-se em tempos variados, desde uma pequena até uma grande escala temporal, como exemplo desses territórios pode citar-se o da prostituição, dos traficantes, das gangues, esses grupos manifestam sua territorialidade de maneira bem definida e muitas vezes os territórios da prostituição, do tráfico e das gangues (esse último, um pouco menos) se conectam em redes para facilitar sua atuação.



Conforme Haesbaert (1999), os territórios são construídos por relações de dominação, material e funcional, e pela dimensão do poder simbólica, ou seja, de apropriação por identidade. No poder simbólico, um determinado grupo social se apropria de uma determinada porção do espaço por identidade. Aqui, os espaços carregam as marcas do espaço vivido. São, portanto, singulares (SOUZA, 1995; HAESBAERT, 1999).

Lefebvre (1991) diferencia apropriação de dominação. A apropriação no sentido de posse, de propriedade, portanto, com um caráter mais simbólico, com as marcas do “vivido”, do valor de uso. A dominação, possui uma conotação de domínio, sendo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. Valor de uso e valor de troca dizem respeito a domínio e apropriação ou posse. Ambos envolvem duas feições: o limite e o conteúdo territorial. Seja relativo ao Estado, ao poder econômico com a definição legal de uso, seja construído por dinâmicas sociais de territorialização. São diferentes territorialidades, funcionais e simbólica, em sobreposição hierarquizada.

Indissociável do território, a territorialidade pode ser definida como a área de abrangência de uma organização territorial (HAESBAERT, 2008; SOJA, 1971). Conforme Soja (1971), a territorialidade envolve fundamentalmente identidade, comportamento territorial e interações humanas.

Milton Santos afirma que:

O território, hoje, pode ser formado de lugares contínuos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam as redes e que formam o espaço banal” As redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns, enquanto o espaço banal constitui o espaço de todos, apesar de utilizado de maneira desigual (SANTOS, 2002, p. 16).

Dessa forma, rompe-se com a concepção de que um território pressupõe exclusividade de poder. Um grupo pode controlar diferentes territórios mesmo em descontinuidade espacial, mantendo-os interligados. São os territórios-redes, construídos em todas as escalas geográfica e estabelecidos por nós de solidariedade. Nesse caso, o poder pode ser exercido tanto, exclusivamente, por lideranças endógenas, quanto pelas mesmas no papel de representantes de grupos de poder de fora do local (podendo essas externalidades, ser mais ou menos controladoras), ou, somente por forças exógenas (SANTOS, 2002).



Esses territórios culturais, construídos na escala local, possuem forma-conteúdo que refletem e condicionam identidades culturais dos grupos sociais distintos. Costa (2017) afirma que a forma apresenta a estética coletiva e a reunião localizada no tempo e no espaço. Ao mesmo tempo, o conteúdo aprofunda as representações nas quais os sujeitos adotam linguagens e formas de saber-fazer comuns (TEDESCO, 2003 Apud COSTA, 2017, p. 19), tornando o sujeito capaz de descrever, perceber e interagir segundo categorias formais que se tornam cotidianas e normais para os membros (COSTA, 2017, p. 19). Sendo assim, partiu-se para o entendimento dos territórios produzidos pela cultura no espaço urbano de Campo Grande (MS).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Claval (2001, p. 63), a cultura é a “soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”. Para o autor, a cultura não é um conjunto limitado e estável de técnicas e comportamentos, mas sim, se caracteriza como um legado transmitido de uma geração a outra, pela comunicação verbal e gestual presente nos convívios com a família e nos ambientes sociais onde estes indivíduos se conectam (CESCO, 2012). McDowell conceitua cultura de forma relevante:

é um conjunto de ideias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Ideias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de ideias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço (MCDOWELL, 1994, p. 161).

Em Campo Grande, a Feira da Bolívia é um dos espaços cultural mais antigos, com 17 anos de existência (dados de campo, 2022). O microterritório foi construído no espaço da Praça da Bolívia, no bairro Santa Fé, inicialmente pelo grupo Grupo T'ikay⁴ em parceria com o consulado da Bolívia e com a prefeitura da cidade, atualmente, pela Prefeitura de Campo Grande (MS). Embora focada na cultura boliviana e fronteiriça, a apropriação do espaço público pelos atores de construção territorial, ocorreu desde o início, a partir do multiculturalismo.

⁴ Grupo formado por dedicação de quatro famílias pioneiras bolivianas e seus descendentes. Fonte: entrevista de campo, 2022.



O público que participa da feira da Bolívia é formado, predominantemente, por artistas, professores universitários, profissionais liberais e estudantes. A identidade coletiva definida pela construção do “nós” é simbólica, idealizada e construída a partir das percepções individuais e coletivas como afirmado por Foucault (1989). Isso fica expresso nas falas dos sujeitos que compõem esta microterritorialidade.

Adoro a feira da Bolívia, ela faz parte de mim. Aqui encontro pessoas que pensam como eu, que articulam e vivem a cultura sul-mato-grossense nas suas múltiplas interações. A cultura boliviana, paraguaia, brasileira misturam-se e isso é a cara do nosso estado. Me sinto parte disso (MS, 60 anos, Arquiteta. Entrevista de campo, 2022).

A Feira da Bolívia é um espaço cultural com apresentações artísticas e comidas típicas. Aqui encontro os amigos, bato papo, como comidas típicas, vejo as apresentações culturais e compro presentes. Enfim, respiro a diversidade cultural da minha fronteira. Um espaço de integração e trocas. Venho sempre (MR, 55 anos, professora universitária. Entrevista de campo, 2022).

Observa-se, na Feira da Bolívia, que os indivíduos contribuem para a construção do microterritório, sua organização e implicação. Isso vai na direção da afirmação de Giddens (2002), que o “eu” não é uma entidade passiva, determinada por influências externas, na produção do território e da sua identidade.



Figura 2 - Feira da Bolívia. Interações sociais e apropriação simbólica do espaço local por identidade. Produção do microterritório Feira da Bolívia. Foto: Milka Martins, 2022.



Figura 3 - Apresentação cultural de dança boliviana. Valorização da identidade fronteiriça na Feira da Bolívia. Foto: Milka Martins, 2022.

O processo de territorialização da feira da Bolívia, entendido como a construção do território, é feito pelos frequentadores da feira e seus organizadores. Um microterritório cíclico que se forma no segundo domingo do mês, das 9 às 14 horas. A identidade é fronteiriça, pois, entrelaça o multiculturalismo híbrido que envolve o Brasil e os países vizinhos.



A Feira Cultural Bosque da Paz situada na rua Kame Takaiassu no bairro Carandá Bosque, iniciou sua primeira edição no mês de agosto de 2022. O objetivo principal da feira é fomentar a cultura, o artesanato e a gastronomia regional. Sua primeira edição reuniu 450 expositores e mais de 1000 frequentadores (entrevista de campo com os organizadores. 2022).



Figuras 4 e 5: folder de divulgação da Feira do Bosque da Paz, bairro Carandá Bosque – Espaço urbano Atividade de campo, 2022.

Atualmente ostenta o título de ser a maior feira cultural do estado, com aproximadamente 700 expositores divididos entre artesãos, barracas gastronômicas e atividades culturais como teatro, música e danças que revelam a identidade multicultural do estado de Mato Grosso do Sul.

Em 2021, pelo Projeto de Lei nº 7.300/12, a praça ganhou o nome de Bosque da Paz Breno e Leonardo, em homenagem a Breno Luigi Silvestrini de Araújo e Leonardo Batista Fernandes, que foram assassinados de forma brutal em Campo Grande, no ano de 2012⁵. A feira se formou por iniciativa de Lilian Silvestrini, ativista e mãe de Breno, como forma de ressignificar o luto, em conjunto com pessoas envolvidas com arte e comércio na cidade.

Os atores de construção deste microterritório são a Associação de Moradores do Carandá Bosque, a Secretaria de Turismo da Município de Campo Grande, o Sindicato de Artesãos de MS e os frequentadores, moradores do bairro e de bairros vizinhos. O agregado ou grupo social que participa da Feira da Bolívia, participa da Feira do Bosque da Paz.

⁵ Midiamax News. 1ª edição da Feira Bosque da Paz está inscrevendo feirantes e artesãos em Campo Grande. Disponível em <<https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2022/1a-edicao-da-feira-bosque-da-paz-esta-inscrevendo-feirantes-e-artesaos-em-campo-grande/>> Acesso em 31 de outubro de 2022.

Como citado por Costa (2017), o social se constrói pelas ações não lógicas e pela socialidade, ou seja, pela empatia, por uma solidariedade orgânica e pela partilha de experiências comuns e banais. Segundo Jane Arguello (SECTUR) a motivação do projeto da Feira do Bosque da Paz foi, justamente, o interesse do público que participa da Feira da Bolívia. Não por acaso, a primeira ocorre no terceiro domingo do mês e a segunda, no segundo domingo de cada mês, das 9 às 14 horas (entrevista de campo, 2022). A Confraria Sociartista (Associação dos Artistas Visuais Profissionais de Mato Grosso do Sul) é uma associação localizada na avenida Nelly Martins, que reúne seus integrantes em uma feira que ocorre mensalmente, com exposições e artes realizadas ao vivo. O evento é aberto ao público que pode adquirir as peças que são produzidas no local, além de acompanhar o processo criativo do artista. De acordo com o presidente da Associação:

A feira é realizada no primeiro domingo de cada mês, das 9 às 14 horas, e é uma oportunidade para nos reunirmos, conversarmos e também para as pessoas conhecerem mais da arte regional (Entrevista com Pedro Guilherme, presidente da Confraria Socioartista, 2022⁶).



Figura 6 - Micropaisagem do microterritório Feira Bosque da Paz construído a partir da apropriação do espaço público pela cultura. Foto: da autora.

Embora o local mantenha as portas abertas para visitação diariamente, apenas no dia da feira é que os artistas estão in loco, produzindo seus trabalhos e interagindo com os visitantes. O prédio da Associação foi cedido pela Prefeitura Municipal de Campo Grande e a feira ocorre no primeiro domingo de cada mês das 09h às 14h. Os frequentadores e os artistas se articulam pelas redes o que gera no grupo um sentimento de constituir, de pertencer, de identidade.

⁶ Campo Grande News. Em espaço colorido, feira é chance de ver arte produzida ao vivo. Disponível em <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/em-espaco-colorido-feira-e-chance-de-ver-arte-produzida-ao-vivo>>. Acesso em 22 de outubro de 2022.



A Confraria Socioartista é considerada um estilo de vida que prioriza a cultura numa sociedade fundamentada no dinheiro e no poder econômico. O indivíduo se reconhece no outro e se agrupa formando a territorialidade deste espaço. A construção da identidade está pautada na cultura regional representada, simbolicamente, pelos artistas e reconhecida pelo agregado social que forma o microterritório da Confraria Socioartista. Como em todo microterritório, o grupo ou agregado social apresenta um caráter instável e mutante.

As microterritorializações são formas materiais da reunião dos grupos sociais, que engendram processos e práticas socioculturais e identitárias, produzidas a partir do espaço social que são: as praças da Bolívia e do Carandá, espaços públicos abertos, arborizados e amplos, com acessibilidade e segurança; e a Confraria Sociartista que acontece em espaço cedido pela prefeitura de Campo Grande para a Associação dos Artistas Visuais Profissionais de Mato Grosso do Sul, localizado na avenida Nelly Martins.



Figura 7: Artista visual Patrícia Helney. (Foto: Aletheya Alves) – Fonte: Campo Grande News, 2022.



Figura 8: Artista visual Lúcia Monte Serrat, uma das artistas que faz pintura ao vivo no evento. (Foto: Aletheya Alves) - Fonte: Campo Grande News, 2022.

Esses microterritórios, cíclicos, são construídos na região urbana do Prosa. A figura 9, apresenta a localização e distribuição espacial na cidade. Deve-se destacar que a região urbana do Prosa é considerada um espaço hegemônico da cidade, formada por bairros de classe média e média alta. Os microterritórios, embora construídos por uma microterritorialidade divergente dos processos globais de produção do espaço urbano, não se separam das condições hegemônicas burguesas e dos propósitos sociais e econômicos de reprodução do capital. Portanto, não produzem geografias divergentes do modelo de dominação. A valorização da identidade regional não transgrede ou rompe com os processos globais de dominação cultural, ao contrário, é incorporado por eles reafirmando as condições de dominação da cultura burguesa na pós-modernidade.

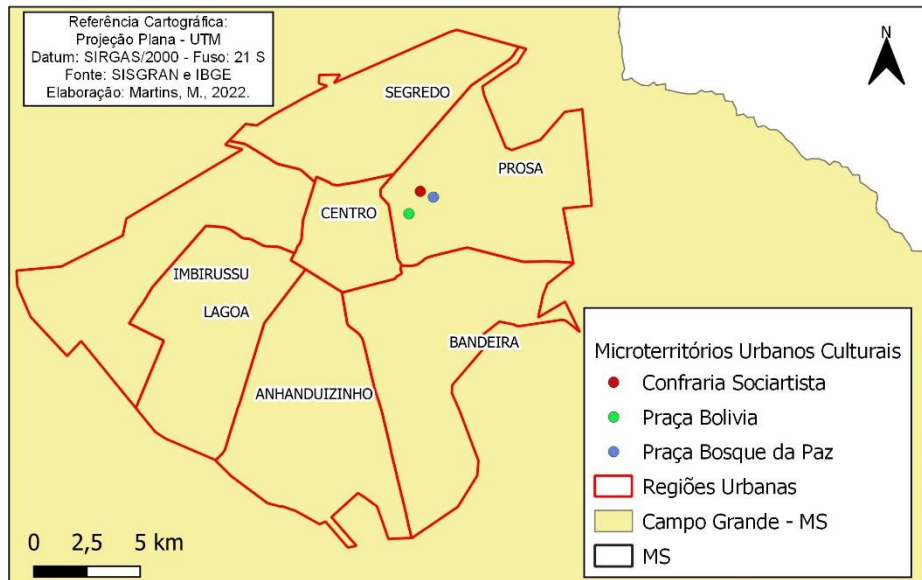


Figura 9 - Localização e distribuição espacial dos microterritórios na região urbana do Prosa, cidade de Campo Grande (MS). Elaborado pela autora, 2022.

A Feira Cultural da Praça do Peixe, microterritório cultural produzido pela territorialização da Praça do Peixe, no bairro Vilas Boas, apresenta estrutura de forma-conteúdo semelhante aos microterritórios da região do Prosa. Organizada e gerida pela Liga de Mulheres Empreendedoras de Campo Grande, o território reproduz as condições de dominação, reafirmando modelos prevalentes socioculturais e econômicos. Interessante que aqui, o processo de territorialização do espaço público, é comandado por mulheres.

A Feira da Praça do Peixe acontece todo segundo sábado do mês, das 15h às 21h30. A iniciativa teve início em 2018, e durante a pandemia da COVID 19, ficou paralisada, retornando apenas no final de 2021. O espaço de apropriação cultural recebe mais de 450 expositoras, que comercializa seus artesanatos e comidas.



Figura 10 - Liga das Mulheres Empreendedoras que contribuíram para formar o microterritório urbano cultural da Praça do Peixe. Foto: Marcos Maluf, 2022.



Figura 11 - Feira Cultural da Praça do Peixe. Foto: Instagram, @feirapracadopeixe, 2022.

O início da feira foi motivado por uma das expositoras, Lílían Mendes, que recém-chegada à cidade, observou a escassez de oferta de trabalho em sua área. Para conseguir se manter profissionalmente, começou a vender sua força de trabalho nas praças como massagista, pois tinha como instrumento, apenas uma cadeira de massagem. Com as relações sociais restabelecidas, ela se juntou a um grupo de mais quatro mulheres empreendedoras e iniciou o evento mensal que hoje traz, além da venda de artesanatos, astronomia, decoração, apresentações teatrais infantis, musicais e artísticas regionais, atraindo um público cada vez mais diversos.

O Sarau de Segunda é um evento criado em 2014, por iniciativa de artistas locais e ativistas de direitos humanos. Em 2017, passou a ser realizado em local público, mais especificamente na Praça dos Imigrantes, região central de Campo Grande até março de 2020. O evento ficou conhecido pela flexibilidade artística e por reunir diferentes artistas da cena musical regional, dança, performances, teatro, artes visuais, artesãos, gastronomia e por também ser um espaço de grande circulação de pessoas.

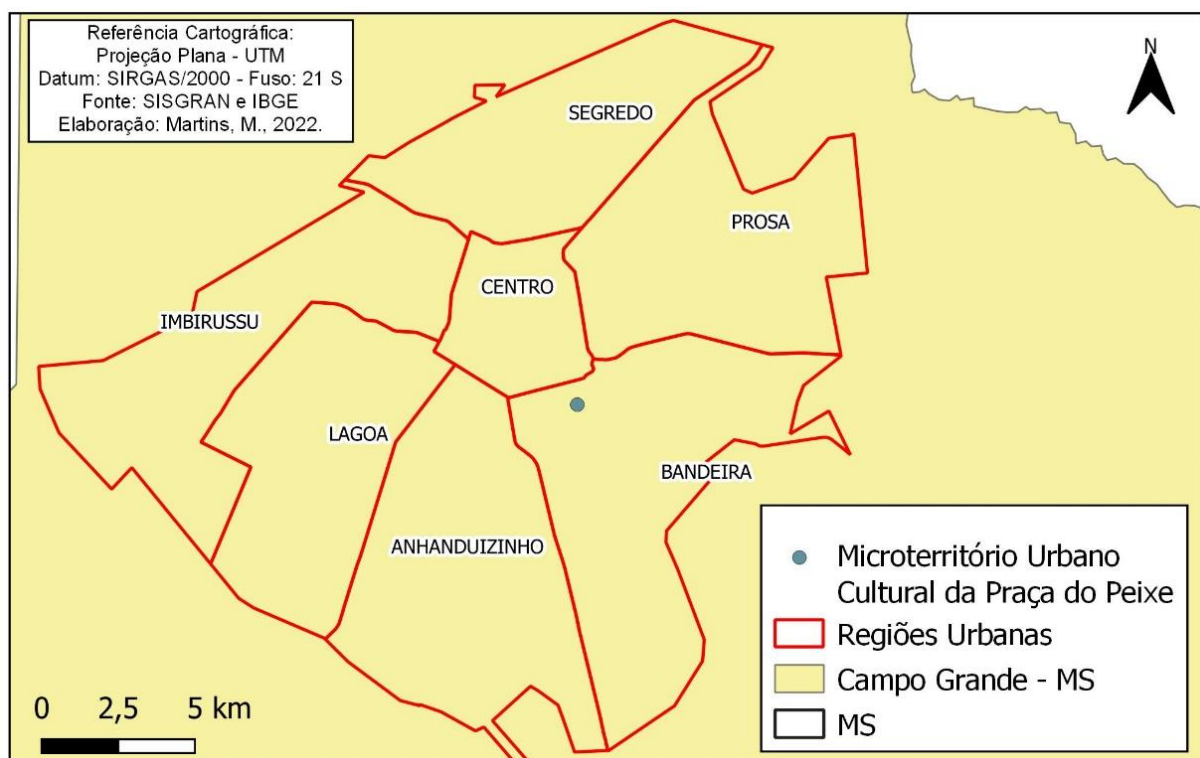


Figura 12 - Localização do microterritório cultural urbano da Praça do Peixe. Mapa: Elaborado por Martins, 2022.

Durante a pandemia, o evento foi paralisado, mas passou a acontecer de forma virtual, sendo realizado na casa de alguns artistas, com um número restrito de pessoas. Após a flexibilização das restrições impostas pela pandemia, o Sarau de Segunda retornou já em novo local, na Praça Cuiabá, localizada na rua Dom Aquino, próximo à avenida Duque de Caxias, ocorre em um contexto marcado pelas relações de no bairro Amambaí, das 18h às 22h. Uma vez que a construção social da identidade sempre poder, observa-se na territorialidade do Sarau de Segunda, um contraponto ao que Castells (1999, p. 23-24) denominou de identidade legitimadora produzida pelas instituições dominantes para legitimar sua dominação. Nesse território a resistência é acentuada e os atores sociais, em geral estigmatizados, buscam redefinir as estruturas dominantes através da cultura alternativa.



Figura 13 - Artista fazendo sua apresentação musical no Sarau de Segunda. Foto: Instagram @saraudesegundacg, 2022

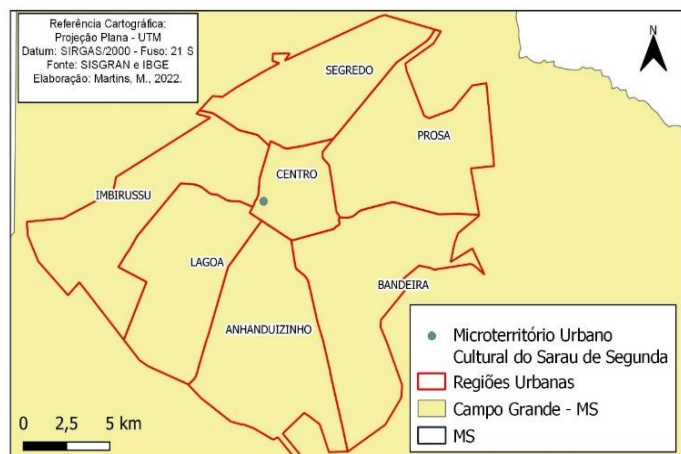


Figura 14 - Localização do Sarau de Segunda. Organizado por Martins, 2022.

O Sarau no Parque é uma realização da SECIC - Secretaria de Estado de Cidadania e Cultura, órgão vinculado ao Governo de Mato Grosso do Sul e foi criado em formato itinerante com o intuito de descentralizar os eventos que em sua maioria ocorrem em regiões mais centrais e democratizar o acesso das famílias ao lazer e à cultura. Seu objetivo principal é integrar em um mesmo local arte, cultura e cidadania. Um território cíclico e móvel que articula a macroterritorialidade expressa no Governo do Estado com a microterritorialidade local.

De acordo com Eduardo Romero, secretário de Estado de Cidadania e Cultura:

A importância de estarmos nos bairros é que conseguimos aplicar dois conceitos fundamentais da cultura: descentralização e acesso. Quando você descentraliza você faz com que as coisas circulem em todo o território geográfico de uma cidade e com isso permite o acesso daquelas pessoas que por razões econômicas ou até mesmo de tempo, não conseguiriam sair da sua região para ter acesso a essas atividades (Entrevista de Campo, 2022).



O festival formatado para acontecer semanalmente, aos domingos das 16h às 20h, em várias regiões de Campo Grande, teve início em 03 de julho e se estenderá até 18 de dezembro, totalizando 25 edições com mais de 400 apresentações culturais. Sua primeira edição aconteceu no Parque das Nações Indígenas e já passou pelos bairros periféricos pobres das Moreninhas, Paulo Coelho Machado, Aero Rancho, Jardim Caiobá, União, Oliveira e Jardim Vida Nova (Figuras 15-16).



Figura 155 -Artista teatral fazendo apresentações infantis em uma das edições do evento Sarau no Parque. Foto: Governo de MS - SECIC, 2022.



Figura 46 - Primeira edição do evento Sarau no Parque, no Parque das Nações Indígenas. Foto: Divulgação/Governo de MS/SECIC, 2022.

A programação é diversificada e contempla artistas de várias vertentes, como musical, artes cênicas, artesanato, danças, arte e cultura de rua como grafite e Hip Hop, audiovisual, literatura, moda e gastronomia.

Tem muita gente que não conhece a fundo a cultura urbana. Daí a importância de projetos assim que tem, também, essa função de espelho para aquela criançada da periferia que muitas das vezes não vê os artistas da sua comunidade em eventos centrais, bonitos da cidade. Essa é uma oportunidade de quebrar paradigmas (Rapper Amém em entrevista ao Diário Digital).

Assim como no Sarau de Segunda, nesse espaço de poder simbólico, a identidade não-hegemônica se expressa e se reproduz na articulação com as estruturas dominantes de poder. A fala do Rapper Amém retrata a resistência e o projeto na construção da identidade (CASTTELS, 2008) dos atores locais em articulação com os atores globais.

Milton Santos (1997) pensando em uma outra globalização indicava que a cultura popular, utilizando os atributos técnicos da cultura hegemônica, promoveria a transformação na estrutura sociocultural. Para Foucault (1988), por outro lado, as identidades ditas desviantes são pressupostos de nomeação e definição de corpos e comportamentos que asseguram a manutenção daquilo que se produz como normal e hegemônico.



Nessa linha, o festival Campão Cultural caracteriza-se como um microterritório cultural urbano, cíclico, móvel e em rede, com atrações ligadas a cultura hegemônica e não-hegemônica, com apresentações de artistas renomados no cenário nacional e artistas locais, grafiteiros e raps. Atrações de dança, capoeira, fotografia, oficinas de artesanato, games, gastronomia, cinema, cultura de rua, circo, literatura, teatro, muralismo, poesia, moda, cinema, rodas de conversas e artes visuais, shows em diversos pontos da cidade configurando o território em rede. O governo do estado de Mato Grosso do Sul se articula a CUFA – Central Única das Favelas de MS e aos artistas locais. Observa-se a valorização indígena e LGBTQIAP+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste artigo aponta a investigação da organização dos espaços de cultura em Campo Grande, devido aos novos hábitos da população em frequentar os espaços públicos abertos e gratuitos, não somente como forma de entretenimento, mas sim como forma de conhecer e valorizar as expressões culturais e identitárias.

A partir da investigação desses espaços culturais se percebe a apropriação por identidade desses espaços e a construção de microterritorialidades urbanas, cíclicas, móveis e em rede, que articulam atores hegemônicos e não-hegemônicos na construção da identidade territorial. São expressões culturais de grupos ou agregados sociais que se reconhecem e traçam uma teia de pertencimento ao território, por identidade.

A cultura é o fio condutor do processo de territorialização. O espaço urbano, antes marcado pela ausência de eventos culturais locais, ganha novos contornos com feiras, saraus, e espaços multiculturais. O movimento é inclusivo, pois, se estabelece espacialmente descentralizado, tendo a inclusão, permanência e expressão das periferias pobres da cidade. Contudo, as resistências são incorporadas aos processos hegemônicos de produção cultural.

Desta forma, esta pesquisa intentou reforçar a percepção de que a cultura é essencial para entender a organização do espaço como reflexo e condicionante social, a partir de relações sociais de poder simbólico que territorializam e expressam territorialidades de resistência e articulação.



REFERÊNCIAS

- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COSTA, E. A. Os bolivianos em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande (MS), v.4, n.7, 2012. p.17-33.
- CRUZ, V. C. Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: Frederico Guilherme Bandeira Araújo; Rogério Haesbaert. (org.). *Identidades e Territórios: questões e Olhares Contemporâneos*. 1ed. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007, v. 1, p. 93-122.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MORAES, Antônio Carlos Robert (org.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990.
- QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a Técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SANTOS, M. O retorno do Território. SANTOS, M; SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L. (orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 5.ed. São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002. p. 251-261.
- SOUZA, E. P. de. *Educação Ambiental como elemento da Fronteira Etnocultural: Empoderamento e Saberes dos Povos Indígenas Terena do Pantanal Sul*. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS. 2021. 205 p.
- SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.
- VARGAS, I. A. de. *Porteiras assombradas do paraíso: embates da sustentabilidade socioambiental no Pantanal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.